

A produção do saber histórico escolar no ensino multiseriado:

relato da experiência docente do estágio curricular supervisionado II da graduação em história da ufs/erechim uma experiência de ensino da história africana no estágio docente supervisionado

Por Bruna Baldin¹, Marceane Catia Santolin Biscaro² e Halferd Carlos Ribeiro da Silva Junior (coautor)³

Com a proposta de uma abordagem mais abrangente de como intervir na sala de aula, sendo esta atividade elaborada e trabalhada a fim de vencer mais uma etapa da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II, cabe a preocupação de preparar a aula e de como aplicá-la de forma criativa, estando o professor preocupado com inúmeros fatores que o leva para uma educação inovadora, e a construção do saber histórico em sala de aula. Objetiva-se desta forma compartilhar essa experiência docente apresentando o cronograma e propostas de ensino/aprendizagem aplicados na Escola Estadual Vista Alegre do Município de São Valentim/RS, no período de 03 de maio a 09 de junho de 2016, confrontando-se com o desafio de trabalhar e aplicar o projeto de intervenção no sistema de ensino multisseriado atendendo o 6º e 8º ano.

Introdução

As práticas trabalhadas em sala de aula e vivenciadas ao longo da execução das atividades fizeram-se permitir esta produção que compõem a introdução, fundamentação teórico-metodológica e discussões sobre as práticas observadas, estando estruturados neste artigo os itens: justificativa, objetivos, fundamentação teórico-metodológico, descrição sobre as práticas realizadas, cronograma e considerações finais. Tendo em vista a proposta da disciplina de estágio curricular supervisionado II, da 7ª fase do curso de Licenciatura em História, que visa de modo geral unir o conhecimento teórico e o prático, viabilizando ao estudante uma aproximação ao universo da sala de aula e a convivên-

¹ Acadêmica da 8ª fase do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Erechim. Email: brubaldin@hotmail.com

² Acadêmica da 8ª fase do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Erechim. Email: marci_santolin@hotmail.com

³ Professor Doutor – Orientador Harferd Carlos Ribeiro da Silva Júnior, Universidade da Fronteira Sul – Erechim. Email: harferd.junior@uffs.edu.br

cia com situações cotidianas e reais que o capacitem e o preparem para o mercado de trabalho aperfeiçoando o desenvolvimento humano. Através dele possibilita-se o desenvolvimento de habilidades capazes de complementar a bagagem de conhecimento necessária para a disseminação do conhecimento e um melhor desempenho de suas funções. É através de formas práticas de intervenções e observações que permitirão uma aproximação maior de momentos de efetiva realização de atividades e do dia a dia em sala de aula.

Tendo como ideia fugir da estrutura convencional de ensino, utilizando apenas o livro didático como estrutura exclusiva para base de ensino-aprendizagem, a proposta desafia um ensaio misto de análise dos meios que ao longo dos tempos sustentaram as formas de comunicação de nossa humanidade. Partindo da concepção do que é história, o que ela estuda e até como os seres humanos são sujeitos dela, as aulas são estimuladas a cerca de documentos aparentemente simples, meios de comunicação e formas de representar e conservar a história. Partindo dessa conjuntura que se pretende trabalhar de forma interdisciplinar o tema proposto buscando envolver outras disciplinas na busca por uma globalização do conhecimento.

Justificativa

No momento em que a história surge como disciplina acadêmica, já na metade do século XIX, o documento era tido como algo digno de verdade, e os métodos de análises eram rigorosos se pensarmos que emperrava naquela época a escola metódica com cunho positivista, na concepção da época, quando se fazia a comparação de documentos, era possível também reconstruir os fatos ocorridos no passado, bem como exemplificar as causas e os acontecimentos destes. Em 1930, vale ressaltar a contribuição da Escola dos Annales, que por meio dos escritos de Karl Marx, com o materialismo histórico, por exemplo, as fontes escritas não são mais vistas como algo seguro, uma vez que é de responsabilidade do historiador construir uma análise do fato histórico em uma ligação entre o presente e passado.

Nas palavras de Silva:

[...] a fonte histórica passou a ser a construção do historiador e suas perguntas, sem deixar de lado a crítica documental, pois questionar o documento não era apenas construir interpretações sobre eles, mas também conhecer 18 sua origem, sua relação 643 com

A constante aceleração de meios que possibilitam o acesso a tudo a todo o tempo, determina uma sociedade em constante aperfeiçoamento sobre tudo no que se refere ao conhecimento. Não diferente disto, exige um profissional no meio da educação ou em qualquer outra área cada vez mais qualificado, não menos um professor de História capaz de ser um produtor de saberes, com capacidades de se comprometer com o ensino e vê-lo como produção, reflexão, investigação e envolvido em constantes descobertas que possa despertar nos alunos competências ligadas à natureza da História (FONSECA, 2005). O professor preocupado com esta aceleração de transformações e centrado nos fundamentos da ciência histórica, será capaz de proporcionar a seus alunos condições necessárias para que estejam situados e orientados nesta sociedade que se modifica a cada passo, e sobre tudo que sinta-se sujeito neste processo histórico.

O objetivo em sala de aula em toda em qualquer disciplina é a compreensão dos conteúdos, não diferente a História deve ser capaz de ser compreendida. Inicialmente nos parece uma tarefa simples, porém a complexidade é existente como afirma Monteiro (2007):

Tornar acessível aos alunos o conhecimento constituído sobre as sociedades e ações humanas do passado, passado recomposto pelos historiadores a partir de documentos constituídos como fontes; possibilitar a leitura de textos e imagens, a escrita de suas apropriações, aprendizagens, a (re) construção de representações, selecionar quais saberes, quais narrativas, quais poderes legitimar ou questionar, são alguns de seus desafios. (p.76-77)

É possível compreender a partir disto, afirma Monteiro, que a História é um termo complexo, por vezes trata das vivências, dos processos sociais de tempo, das ações humanas, bem como a partir de novas descobertas, novas evidências e produções, recompostas por historiadores que solidificam tais mudanças por meio de documentos, chamados de fontes. O Pensamento de Monteiro (2007) traz mais pontos que servem muito para uma reflexão a cerca do ensinar e refere-se ao papel do professor, que tem como responsabilidade, dar sentido a história e nortear o conhecimento escolar. O seu papel não deve prender-se e seguir um modelo existente, pré-determinado que limite a exploração de conteúdos e a didática em sala de aula.

Bittencourt (2002) no livro “O Saber Histórico na Sala de Aula” (2002), escreveu logo no prefácio que uma tarefa muito complexa trata do cotidiano do professor, que necessita enfrentar um presente repleto de contradições, um futuro incerto e um passado cheio de fragmentos, decorrentes de uma vasta fonte de infor-

mações por vezes oriundas da escola, dos meios de comunicação de massa e até mesmo pela história de vida.

A interdisciplinaridade é uma porta capaz de proporcionar muitas alternativas diferentes para desenvolver práticas coletivas entre as distintas disciplinas escolares. Prender a atenção de adolescentes cheio de energia, não deve ser tarefa fácil, ainda mais uma sala cheia deles, talvez a proposta de unir diferentes temáticas torne a aula mais dinâmica, assim como aponta Barbosa (1993):

[...] sua prática depende da atitude que cada educador deve tomar frente ao conhecimento, despin-do-se de toda postura positivista que o tem caracterizado neste século. [...] o conhecimento interdisciplinar não se restringe a sala de aula mas ultrapassa os limites do saber escolar e se fortalece na medida em que ganha a amplitude da vida social.(p.65)

Mediante a estes apontamentos de estudiosos e analistas de formas de ensino aprendizagem, vem-nos a pergunta: o que esperar do professor de História? Quais seriam as alternativas para driblar tamanha conjuntura cultural e ruptura de um sistema, redundantemente, denominando “sistemático”. Desta forma entende-se que a sala de aula é um espaço em que professores e alunos podem travar debates construtivos, o professor além de apresentar os conteúdos, pode também considerar às ideias de seus alunos. O professor de História, segundo Schimdt (2002) deve promover condições para que o aluno participe do processo de fazer e de construir História. Para a autora, “a sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde os interlocutores constroem sentidos”. (p.57)

Nesta perspectiva de quebrar paradigmas, a tradicional cronologia e propor novas alternativas e práticas em sala de aula, vem a iniciativa de envolver as mais diferentes séries do ensino fundamental em uma gama de acontecimentos e discussões que façam o indivíduo refletir sobre a invenção, existência, evolução e reflexos dos meios de comunicação no cotidiano e nos mais variados acontecimentos históricos que representaram grandes fatos e que podem trazer reflexões e abordagens dentro da sala de aula com temas contemporâneos, propondo uma espécie de transposição da didática dentro do procedimento histórico.

Fundamentação teórica metodológica

Partimos das concepções de Eric Hobsbawn (1998) e Jaime Pinsky (2009). O primeiro diz ser im-

possível negar a importância, sempre atual do ensino de História. Ele afirma que ser parte da comunidade humana é estar situado e relacionado a seu passado", passado este que "é uma dimensão" de que faz parte a consciência humana, um objeto dos padrões componente inevitável de valores da sociedade. Para Pinsky "O professor é o elemento que estabelece a intermediação entre o patrimônio cultural da humanidade e a cultura do educando, é necessário que ele conheça da melhor forma possível, tanto um quanto o outro." (p.23)

Considerando a importância destes apontamentos, não há como trabalhar a História distante do universo em que o aluno está inserido, ela é viva e está presente em todos os momentos da vida e é através de interrogações do passado a partir de discussões que inquietam o presente que ela se constrói.

Atualmente qual o aluno que não se vê rodeado por meio de comunicação que a todo o momento disseminam informações, manifestam formas de pensamento, constroem estereótipo que viram tendência e se reinventam a cada passo. Essa é uma invenção da humanidade. O ser humano, um ser racional e dotado de capacidades, ao longo de sua formação historiográfica desenvolveu mecanismos tanto que o fizeram sobreviver como o tornaram cientistas. Neste sentido é imprescindível conhecer e analisar os passos desta evolução e suas grandes transformações que possibilitam grandes discussões em sala de aula.

Parte-se da proposta e centralidade é norteadas pela evolução da comunicação, pode-se assim defini-la, sendo comunicação uma palavra de originada do latim com significado que se refere ao termo comunicar, tal termo pode ser utilizado tanto em situações dadas de formas coletivas como individual, é o efeito ou ato de transmitir mensagens, por meio de métodos ou processos através de uma linguagem verbal ou não verbal. E os meios de comunicação em massa, de comunicação social tiveram um papel fundamental na edificação política e estrutural da sociedade.

A criação da imprensa marcou a história, não somente pelo novo modo de dissipação das informações, mas sobre tudo por se tratar de uma ferramenta que viabilizou mudanças políticas, sociais e psicológicas. Invento e modificações que transformaram os aspectos da concepção da cultura europeia do século XV. Um instrumento de mudança teve contribuição considerável para a propagação da religião, cultura, ciência e política. Mas sobre tudo sua maior contribuição foi o surgimento de um novo modelo, uma nova era, a era moderna.

A civilização até o século XV era basicamente

formada por analfabetos e estruturada socialmente com base nos pilares da nobreza e da Igreja, o embasamento social era dado pelos dogmas e pela fé. As escrituras produzidas eram apresentadas a população sem a viabilidade de questionamentos. Com a inovação de Johann Gutenberg de Mainz, em 1450, a estrutura social passou para uma nova dimensão e vista com um novo sentido. A fé sofreu questionamentos e abalos e teria sido o fundamento para a democratização não unicamente da informação, mas relacionada também na maneira de pensar o futuro. É impossível pensar de certa forma a realidade, sem evidenciar a contribuição da imprensa e porque não dizer, da própria obra de Burke para o progresso das sociedades. A invenção dinamizou transformações tão velozes e que, sem ela, se pensarmos, até poderiam ocorrer mudanças nos paradigmas, mas certamente nem perto da rapidez em que ocorreu. Portanto, pode-se dizer que o invento da imprensa pode ter sido metade efeito, metade causa de um movimento de transformações pelas quais estava passando o mundo europeu. O surgimento gutenberguiano de sistema tipográfico é elencado como a origem da comunicação de massas por comportar o primeiro sistema viável de propagação de informações e ideias mediante a uma única e exclusiva fonte.

As mudanças e os avanços a partir das transformações sociais e descobertas, valem para uma observação em que se pode apontar a Idade Média como época do descobrimento da pólvora, aperfeiçoamento do navio a vela, invento do relógio mecânico, criações que viariam os europeus a novos mundos. O Renascimento florescia na Itália, vendo a Europa com um almejo de civilização um tanto mais dinâmica e de enriquecimento cultural. Eis então que todas essas mudanças necessitavam ser escritas, colocar todas essas ideias no papel. Foi o que fez Gutenberg. Com a impressão dos livros, por consequência, teve um aumento no hábito de escrita e leitura, sendo esta uma forma indireta de aproximação a cultura ao alcance das classes mais populares. Desde o século XVI a máquina de impressão é descrita como a marca de uma época, mudando não somente o modo de viver, mas também produção de conhecimento. A escrita, a invenção dos jornais, foi fundamental para expandir saberes.

Neste contexto, as distintas formas de comunicação contribuíram de forma diversa para a divulgação dos eventos e calorosos movimentos na sociedade da época, modificando também o próprio sistema de mídia. Com isso comunicação constitui a base da interação social capaz de coordenar ações individuais, no sentido em que as pessoas tomam como premissa de seu ato a mensagem recebida de outras em relação ao contexto

da ação. Ela faz parte do ser social, pelo qual ele se relaciona como os seus semelhantes e elabora coletivamente seu universo de conhecimento.

De forma ascendente e num avanço por hora acelerado, nada comparado ao advento da contemporaneidade, o Rádio no século XX, desencadeou uma nova perspectiva de comunicação. Através dele, difundiram-se formas de pensamentos, ideologias e assim como a eletricidade, sua rápida comunicação viabilizou um domínio da massa popular. Visto deste ângulo a análise central trata-se de sua utilidade dentro do cenário nacional brasileiro.

A discussão começa com a denominação do grande criador do meio de comunicação. Embora o nome de Guglielmo Marconi, um italiano, seja denominado como o do inventor do rádio, sabe-se que em 1896 Marconi patenteou o primeiro aparelho transmissor sem fios. As suas análises iniciaram por meados de 1894, quando foi possível o envio de fracos sinais a cerca de 100m de distância. Dois anos depois os sinais já ultrapassavam a barreira de 1 km. É neste meio tempo, antes que as experiências tivessem sido realizadas com sucesso pelo cientista italiano, o padre brasileiro Roberto Landell de Moura já havia feito uma transmissão de voz por meio do eletromagnetismo. Gontijo destaca o fato de Landell ter se adiantado a Marconi na transmissão radiofônica:

A primeira demonstração oficial de seu invento foi a transmissão entre a Avenida Paulista e o bairro de Sant'ana, sem a ajuda de fios, de sua própria voz, através da irradiação de uma onda eletromagnética, em junho de 1900, na presença de autoridades e da imprensa, 22 anos antes do Centenário da Independência. (p.355)

O rádio marcou uma nova dimensão na era das comunicações, isso porque suas ondas viabilizaram a quebra de uma barreira que veio como forma há substituir à tecnologia da impressão: o analfabetismo. Como já mencionada, cristalizou o processo de massificação, pois sua abrangência o tornou na época o principal instrumento político. Passou por um processo de desenvolvimento lento, que como forma de sustentabilidade e permanência, necessitavam propor conteúdos relacionados à educação e a cultura, num primeiro momento atendendo somente a elite e o desenvolvimento dos intelectuais. A primeira transmissão radiofônica no Brasil, oficial e pública ocorreu em 7 de setembro de 1922, na cidade do Rio de Janeiro, com o discurso do presidente Epitácio da Silva Pessoa no evento de inauguração da Exposição do Centenário da Independência.

As tecnologias foram passando por evoluções, e aquelas que propiciaram a imagem estática como a fotografia a viabilidade do movimento, adicionou também ao conjunto o elemento sonoro.

Segundo Thompson (1998), os meios de comunicação criaram inovadoras formas de interação e novos tipos de ações e relacionamentos sociais diferentes aos tradicionais da sociabilidade com base na co-presença. Explorando esses modelos de interativas situações criadas pela utilização dos meios de comunicação, neste sentido ele os diferencia da seguinte maneira: “interação face a face”, “interação mediada” e “quase interação mediada”. A interação mediada é que nos chama atenção, pois se refere às questões sociais e relações estabelecidas pelos meios de massa, a exemplo da televisão, uma interação que está diretamente associada a uma grande disponibilidade de conteúdo simbólico e envolve também um estreitamento das ações segundo o autor.

Se a rotina faz da comunicação e seus meios algo “normal”, mais “normal” ainda para um adolescente é obter o documento, muito embora isso possa até mesmo despercebido. Ao analisarmos a organização do tempo e das informações contidas em um determinado documento, por exemplo, não nos damos conta de todo o dimensionamento que envolve tal trabalho, não menos, é possível identificar que o passado enquanto um objeto de estudo, faz com que o historiador busque vestígios que transmitem informações e respostas ao seu objeto de estudo e de investigação de um processo que remonta a leitura, análise e estudo em uma determinada fonte histórica.

Narrar fatos do passado, remontar cenas históricas, completar lacunas de memórias, são as definições mais compartilhadas e usadas para definir os historiadores atuais. O trabalho do historiador é muito instigante, pois lida com temas e assuntos relacionados a acontecimentos que aconteceram há muito tempo atrás, interpretando desta maneira os acontecimentos históricos, buscando sempre avaliar, discutir, explicar os fatos, sentimentos, e pensamentos que contribuíram para que determinado evento acontecesse.

O historiador parte chave deste processo deve ao longo do tempo envolver-se em fontes que possibilitem seus contatos com experiências já concluídas no decorrer do tempo, mostrando desta forma que, a pesquisa histórica está ligada diretamente com a execução de determinados projetos, em certo período de tempo e espaço. Sendo assim, elas são de extrema importância nesse processo de análise e discussões de determinadas fontes históricas. Estas fontes são em um sentido mais amplo, objetos culturais construídos em determi-

nado tempo por grupos que a originaram, desta forma, para Bloch: “Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo o que toca pode e deve informar sobre ele”. (BLOCH, 2001, p.79.). Analisar o passado desta forma, a compreender como os antepassados se relacionavam, estabelecendo uma melhor relação com o presente. A clareza com que as fontes históricas são utilizadas permite aos historiadores, um amplo desenvolvimento com relação ao ensino e aprendizagem no campo da historiografia, tornando-se ótimas ferramentas e recursos para o entendimento do presente através do passado, possibilitando ao aluno o entendimento deste recurso nas aulas de História.

Segundo Jacques Le Goff:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. (...) O documento não é inócuo. É antes de mais nada o de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (...) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. (1984, p.102-103)

O desafio do historiador é interpretar, analisar e comparar documentos que são fontes de informação, geralmente eles apresentam um determinado período da história, com diferentes concepções de mundo e de determinados povos. Por meio da historiografia do século XX, houve um avanço na aplicabilidade da pesquisa para o campo do historiador, houve um reconhecimento nos registros históricos como fonte de interpretação e observação.

Nesta perspectiva os documentos são menções das ações humanas, em diferentes aspectos, com tempos e lugares específicos, analisam o contexto histórico de uma determinada época, expressando características, valores, cultura e costume de determinado povo. É possível trabalhar com o aluno, fazendo-o pensar e estabelecer o fazer histórico, trabalhando o despertar crítico dos mesmos, bem como a interpretação e a identificação de determinados objetos. Nas palavras de Schmidt (2008):

Na prática de sala de aula, a problemática a cerca de um objeto de estudo pode ser construída a partir de questões colocadas pelos historiadores ou das que fazem parte das representações dos alunos, de forma tal que eles encontrem significado no conteúdo que aprendem. [...] É preciso que se leve em considera-

ção o fato de que a História suscita questões que ela própria não consegue responder e de que há inúmeras interpretações possíveis dos fatos históricos [...] (2008, p.60).

Abordar esta temática em sala de aula proporciona aos alunos uma maior compreensão sobre os sujeitos históricos, bem como as realidades e formações sociais que estão ocorrendo em determinado tempo e espaço, fazendo com que o aluno confronte sua visão crítica, visão de análise, e visão comparativa entre os documentos, produzindo sua própria conclusão a respeito de determinado assunto. No entanto, para que esse planejamento transcorra da melhor maneira possível, é necessário à atenção por parte dos educadores em um ponto relevante no que diz respeito aos cuidados que deve se ter em manusear um documento em sala de aula. Circe Maria Fernandes Bittencourt ressalta a atenção para este ponto, faz-se necessário que a professora tenha clareza na execução de suas tarefas didáticas, estabelecendo os seus objetivos para que a aula, o aluno, o documento e o professor estejam ligados todos entre si, é importante selecionar os documentos com o qual irá se trabalhar, propondo para o aluno algumas noções de como manusear documentos.

Os meios de comunicação, a exemplo do rádio e documentos pessoais foram até agora parte da escolha do tema a ser discutido e trabalhado em sala de aula, mas por fim e não menos importantes são as imagens e sobre tudo o extremo papel dos museus que possibilitam a preservação de objetos e formas representativas que mantêm vivo na memória o passado.

As obras artísticas em geral, são um aporte para os conteúdos abordados em sala de aula, transmitindo informações sobre determinada imagem. Com o avanço da tecnologia, dos meios de comunicação, saber interpretar imagens, charges, fotografias é uma necessidade da atualidade. Antes mesmo de as crianças começarem a falar e a escrever, 24 o único meio de comunicação é a visão, desta forma o olhar é o que induz a escolha, e isso é interferido pelo que sabemos ou deduzimos de tal forma a escolhermos determinado objeto, por exemplo. Percebe-se desta maneira, que toda a imagem representa uma forma de enxergarmos aquilo que acreditamos.

A importância de observar imagens, desenhos, fotografias, mapas e outros recursos visuais, torna-se agradável em sala de aula, saindo do cotidiano em sala de aula. Trabalhar com estes recursos proporciona aos alunos um pensamento de observação e percepção. Ao apresentar uma imagem ao aluno ele de imediato irá associar ao conteúdo estudado anteriormente, contando com seus conhecimentos para auxiliá-lo na hora de

escrever e trabalhar com essa imagem, distinguindo o momento que isso aconteceu, em seu espaço de tempo. Também aqui se faz necessário reforçar o cuidado na hora de selecionar as imagens, pois tudo isso remonta conhecimento e aprendizagem, e faz com que o aluno explore os pontos chaves de pesquisa, interpretação e discussão, fazendo análise da época, o que acontecia neste espaço de tempo, em que lugar isso aconteceu, e trabalhar essas semelhanças entre uma imagem e outra.

O uso de imagens hoje em sala de aula traz uma riqueza de informações e detalhes importantes, que tornam a aula atrativa e dinâmica, sendo desta forma, uma ótima ferramenta de pesquisa para o ensino de história, instigando o aluno a utilizar seu ponto crítico, para expor suas ideias, observações e comentários diante de uma fotografia, por exemplo. Vale destacar que aqui se inclui também a leitura de charges de jornais, manchetes e noticiários. Este recurso se utilizado de forma correta em sala de aula, é um processo belíssimo, sendo uma importante fonte de pesquisa para a melhor compreensão da história.

Descrição e discussão sobre as práticas realizadas

A condição de escola multisseriada desencadeou um grande desafio, por tratar-se de diferentes níveis de ensino aglomerados na mesma sala necessitando uma abordagem que contemplasse ambos os estágios da educação. Pensado nisso propôs-se planejar e elaborar atividades que de forma coletiva fosse trabalhada da mesma forma para ambas as idades.

Com a finalidade de executar um bom trabalho, e para que o projeto seja desenvolvido da melhor maneira possível, é importante destacar que o que se fez em primeiro momento foi preparar as aulas, possibilitando desta maneira, um ensino de qualidade e com aprendizagens dinâmicas para com os alunos, fugindo da rotina tradicional do dia a dia. Fazendo um adendo, manteve-se uma atividade tradicional praticada em sala de aula, todas as quintas-feiras, os 15 (quinze) primeiros minutos de aula são destinados para a leitura e estes também fizeram parte desta prática de regência por considerar a atividade enriquecedora para o aprendizado.

Partindo deste pressuposto, o objetivo central deste projeto foi realizar as atividades com um olhar nas fontes históricas, analisando seu contexto na evolu-

ção da História, a leitura dos mais diversos documentos, fotografias, imagens, por meio de música, trazendo para o aluno um contato mais prático com estas ferramentas que são fontes importantes para o conhecimento do aluno, despertando uma visão crítica de análise, e comentários, fazendo com que eles contextualizem suas ideias sobre determinado assunto com o conhecimento já adquirido na fase de sua trajetória escolar, explorando em um espaço de tempo e lugar.

Na primeira aula, realizou-se uma apresentação sobre o tema escolhido, abordando seus principais objetivos e o que iria se trabalhar durante as aulas. Como segundo momento, apresentou-se o ensino de História, evidenciando a importância de estudar as fontes históricas e sua evolução em sala de aula. De forma simples e dinâmica, fez-se a apresentação do plano de aula, bem como os conteúdos e as atividades que seriam realizadas na sala de aula e também fora dela. Neste primeiro contato sentiu-se a empolgação dos alunos e que estariam na expectativa por estudar algo diferente nas aulas de história, se este foi o primeiro objetivo, pode-se considerar que ele foi alcançado, é claro que deixando bem destacado que mesmo com abordagens diferentes a disciplina seria baseada em acontecimentos e momentos que fizeram parte da construção da sociedade tanto nacional como mundial, conhecimento fundamental que constitui o aprendizado.

Tendendo para um melhor aproveitamento e até mesmo como forma de avaliação final no processo de ensino-aprendizagem, foi distribuído aos alunos um simples caderno para que fosse utilizado como um diário de registros e anotações que fossem relevantes ao longo do processo de regência. Este caderno serviu como um instrumento de anotações para eventuais revisões dos assuntos trabalhados, atividade que na aula seguinte sempre retomava o estudo anterior. Tal caderno de anotações possibilitou posteriormente uma análise a cerca do resultado do próprio trabalho de regência. As aulas seguiram um processo gradual de conteúdos trabalhados e discutidos. Como ferramenta utilizou-se textos complementares encontrados em livros didáticos, não unicamente os utilizando como única ferramenta. É claro que artigos, livros, sites e outras fontes fizeram parte da construção dos temas debatidos.

Num dado momento discutiu-se a importância dos documentos tanto para o ensino de História como enquanto cidadão, abordando assim os diferentes tipos documentos, sendo abordadas questões simples como: em que momento foi produzido, finalidade e assim por diante, analisando inclusive documentos pessoais e apresentação enquanto cidadão. Neste mesmo contexto

explorando a questão do título de eleitor, o direito ao voto e o processo histórico que esta conquista viveu ao longo dos tempos.

A análise do próprio livro didático, uma ferramenta muito presente no cotidiano dos alunos, é ferramenta de conhecimento e de história. De forma simples foram produzidas análises sobre o material e a aplicação e entrega de um questionário simples e dinâmico, para que eles começassem a interpretar um primeiro documento. Logo após, é imprescindível descrever aos alunos a importância da escrita como registro, e no momento que se registra um documento, por exemplo, este fica registrado ao longo do tempo, e na memória, contribuindo assim para a construção da identidade pessoal e social. Os registros memoriais são constituídos de fotografias, obras de arte, pinturas, músicas, livros, documentos, história oral e outras fontes. Com o passar dos anos, vamos adquirindo outros documentos de identificação, a carteira de trabalho ou de motorista, é um exemplo, é importante ressaltar para os alunos que eles devem sempre saber o que cada documento de identificação representa para os indivíduos da sociedade, e fazer a leitura dos mesmos é essencial. Após analisar o documento, com o auxílio e orientações da regência, os alunos apresentaram seus apontamentos.

Outro documento importante trabalhado em sala de aula são os diferentes tipos de imagens, que contribuem para aprimorar as discussões sobre o contexto de determinada imagem, sobre o contexto temporal, espacial e social em que foi produzida, proporcionando ao aluno um melhor entendimento sobre determinada época em que tal imagem foi projetada. Como já mencionado é válido compreender todo o contexto histórico que há por trás de uma imagem, evidenciando desta maneira, as principais ideias, e objetivos em que esta imagem foi criada.

A interpretação de charges foi outro instrumento proposto no viés das imagens. As charges são um estilo de escrita, que tem por objetivo satirizar um determinado acontecimento, por meio de uma caricatura. Elas foram criadas no século XIX por políticos que queriam expressar suas opiniões e críticas de uma maneira diferente, e nunca vista antes, ela possui um caráter humorístico e crítico que pretende fazer a leitura de determinados eventos que ocorrem em certo período de tempo, é importante analisar a charge sempre dentro de um contexto, entendendo a época em que foi produzida, para então compreendê-la e inseri-la nos moldes da atualidade, este é o ponto chave para a leitura deste documento. Com o auxílio da projeção de imagens dis-

cutiu-se diferentes charges que tratavam do preconceito a cerca do índio, as modificações dos valores da educação por meio de imagem que representava o ano de 1969 e outra em 2009, onde representava o papel dos pais e do professor, a censura na ditadura militar, o Brasil como república, o Golpe de estado e algumas outras. Para exercitar, os alunos analisaram uma charge sobre o voto e explicitaram suas interpretações, compartilhando seus conhecimentos com toda a turma.

Através destas análises que se propaga a conhecer e analisar documentos e sua existência, o não conhecimento sobre museus estimulou uma adaptação ao conteúdo programático para que fosse discutida esta importante fonte de história e preservação da memória. A história da criação e fundamentação dos museus foi trabalhada em sala de aula bem como a projeção de imagens de grandes e renomados museus bem como muitas e diferentes peças que são e podem ser preservadas.

Entendendo a importância do tema, abordando também a patrimonialização e a fim de valorizar a existência de um museu no município se propôs estudar o tema. Sendo bem aceita a ideia pelos alunos uma aula foi destinada para apresentação teórica sobre o assunto com a exibição com material multimídia de imagens preservadas nos principais museus como no Brasil o Museu Nacional e outros presentes no mundo. Desta forma permitiu-se um estudo e pesquisa sobre peças e instrumentos que preservam a memória da própria família e sobre tudo da sociedade. Mesmo que, divididos em grupos para facilitar pesquisas sobre tudo para aqueles que têm dificuldades de acesso à internet, cada aluno teve a liberdade e o comprometimento de estudar um objeto que fizesse parte da sua família e por ser importante deveria ser guardado e contextualizado. Este momento permitiu uma maior proximidade entre os diferentes anos, demonstrando que há possibilidade de forma conteudista e participativa de trabalharem com o mesmo tema e de fato se relacionarem. Com esta proposta os alunos trabalharam a pesquisa, a história oral na própria família para que pudessem produzir o trabalho solicitado. Fazendo parte da avaliação o comprometimento e o interesse de cada um, a produção e compartilhamento do conhecimento foi exposta em aula além de ser entregue a produção da escrita, valendo também como avaliação.

Como forma complementar, uma diferente proposta foi levá-los ao museu da cidade onde é possível analisar e estudar uma série de assuntos aprofundados na sala de aula. É neste sentido que pode-se dinamizar as abordagens, já que a preocupação não necessaria-

mente deve se resumir apenas sobre conteúdo a ser estudado e sim pode-se utilizar uma contextualização mais ampla ou mais particular como é a sugestão deste trabalho. Enquanto professoras esta atividade serve como uma abordagem de valorização, já que esse tipo de visita possibilita ainda, o estudo sobre estrutura e complexidade que comporta e envolve a construção deste determinado espaço e toda a dedicação de estudo a ele destinado. Neste sentido foram analisadas as peças disponíveis, sua história particular fazendo com que os alunos compreendessem a relações e razões de escolha, a fim de entender a sua finalidade. Como objetivos principais desta atividade é salutar que haja um reconhecimento de problemas existentes na viabilidade da construção daquele determinado espaço e que este questionamento seja feito; que exista a percepção da utilização do passado para legitimar e reconhecer a cultura de um determinado povo; identificar as escolhas pelas quais levaram a escolha da construção de um acervo histórico.

Ao longo das atividades trabalhou-se os meios de comunicação sendo vistos em diferentes temáticas que incorporam vários assuntos, dinamizando e deslocando os alunos a um vai e vem na análise de temas debatidos. A apresentação da temática do rádio permitiu um histórico de seu surgimento até a sua modernização passando pelos adventos da implementação de outros meios que indicariam a sua decadência. Foram discutidas a sua origem no país, as principais emissoras, as radionovelas, os principais programas e a voz do Brasil, tendo este meio de comunicação de massa, como ferramenta para a formação de ideologias e sua influencia na cultura da sociedade. Não menos importante o surgimento da Radio Comunitária e seu papel desde a criação, como meio inovador que permite a comunicação voltada para a localidade, tomando como exemplo a Rádio existente na cidade. Como forma complementar o breve estudo da historia do município e da própria escola, permitiu a elaboração de pequenos textos para a irradiação na visita realizada na emissora local, sendo um trabalho pautado no reconhecimento e valorização da própria história.

O jornal enquanto meio de comunicação também foi abordado na temática, sobre tudo mediante ao conhecimento de que a maioria dos alunos não teve e não tem acesso a esse meio, evidência contemplada pela pesquisa. Uma explicação sobre a importância do Jornal nos dias de hoje, com um breve histórico e contexto da época, foi a proposta além de levar até a sala de aula jornais para que fossem analisados, sendo efetuada a leitura de uma notícia, sua importância, e como interpretá-la.

Cabe mencionar que durante as aulas diferentes atividades foram realizadas em que abordaram-se as temáticas em questão. Utilizou-se a projeção de slides, audição de músicas, exibição de curtos vídeos bem como forneceu-se material impresso com textos, palavras-chave, imagens para interpretação e para colorir, palavras cruzadas, jogo dos sete erros e outros.

Por fim e como já mencionado em alguns momentos, a forma de avaliação foi dada mediante a análise das ações desenvolvidas na sala de aula com o objetivo de observar se estão sendo cumpridos os objetivos propostos neste projeto e se de fato o conhecimento está sendo construído em sala de aula. Para muitos educadores, antes valia o ensinar. Hoje entende-se que a maior dedicação está no aprender e para isso há a necessidade de uma mudança em muitos níveis educacionais que envolvem a própria gestão escolar, a organização da sala de aula, a escolha das atividades e principalmente o que considerar na avaliação. É importante que a avaliação sirva como aprendizagem e seja instrumento para identificar as necessidades de cada aluno e suas particularidades. Esta metodologia permite ao professor pensar caminhos estratégicos para que os objetivos sejam alcançados se não o foram, sendo importante identificar os problemas, mas mais que isso, entender as necessidades promovendo uma avaliação para um ensino de qualidade.

Para compreender em detalhes a cronologia e tempo destinados as atividades verificar anexo.

Considerações finais

A falta da prática em sala de aula de certa forma gerou uma condição de ansiedade e sobre tudo de insegurança, como era de se esperar, principalmente com relação a proposta do conteúdo a ser trabalhado e se no decorrer e a o final da experiência ele pudesse ser concluído. Mais desafiador ainda foi planejar e aplicar atividades em uma classe multisseriada que por meio desse modelo de ensino trouxeram efetivas contribuições a cerca de uma reflexão sobre a educação brasileira, uma modalidade de ensino que esta inserida a tempo no Brasil, seja ele necessário para cumprir a lei que prevê a universalização da educação para todos, ou para promover a cidadania de sujeitos que se encontram em contextos geográficos distantes, com difícil acesso a ou-

tras formas de ensino.

Pode-se afirmar que alguns ajustes tiveram que ser realizados a fim de concluir a proposta pedagógica, mas certamente as expectativas foram alcançadas e a experiência na preparação das aulas, administração na própria sala de aula evidenciou o quão árduo é o trabalho do professor, sobre tudo se ele se propõem a ir além daquilo que está estabelecido, além do livro didático como instrumento único de estudo. Esta diferente proposta requer disponibilidade de tempo, pesquisas e produção de materiais que proporcionem a prática do ensino.

Elencar os objetivos que cercaram a produção, investigação e elaboração deste relatório não foi tarefa difícil, porém a problemática esta ligada a questões que ultrapassam a própria condição em sala de aula, estão enraizadas na falta de recursos que a própria escola, tomando ela como exemplo, sofre para oferecer condições dignas aos alunos permanecerem estudando, faltando políticas publicas que de fato possibilitem a formação continua do professor e as condições mínimas para administrar a escola com recursos que não deixem de ser injetados na educação.

Não menos importante foi a própria elaboração desta pesquisa que assim como uma investigação para se trabalhar em sala de aula permitiu diferentes leituras e pesquisas para novas formas de intervenção em sala de aula, leituras estas que embasam a formação acadêmica e que devem movimentar não só o processo de formação do professor, mas também o seu constante aperfeiçoamento, estando ele submetido a atualizar-se afim de acompanhar as novas descobertas e debates no ensino.

Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, Circe. *Apresentação*. In: O saber Histórico na Sala de Aula. 7ª. Ed. – São Paulo: Contexto, 2002.

BRIGGS, Asa; Burke, Peter. *Uma história Social da mídia: de Gutemberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou ofício do Historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. **BRODBECK**, Marta de Souza Lima. *Vivenciando a História: metodologia de ensino da história*. Curitiba: Base Editorial, 2012.

Classes Multisseriadas no Acre. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n237/a11v94n237.pdf>> Acesso em 28 maio. 2016.

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. Cortez Editora. São Paulo, 2000

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. São Paulo: Papirus, 2005.

GONTIJO, Silvana. *O livro de ouro da comunicação*. São Paulo: Ediouro, 2004. 463 p.

GUIMARÃES, Marcela Lopes. *Capítulos de História: o trabalho como fontes*. Curitiba: Aymarã Educação, 2012.

HAGE, Salomão. *Classes multisseriadas: desafios da educação rural no Estado do Pará, Região Amazônica*. Belém, PA: Geperuaz 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo; Editora da Unicamp, 1993.

Ministério da Educação. *Secretaria de Educação Continuada e Diversidade*. Projeto Base –Brasília: SECAD/ MEC, 2008.

MONTEIRO. Ana Maria. *O ensino de História: lugar de fronteira*. In: NETO, Jose M.A. (org.) *História: Guerra e Paz – XXIII Simpósio Nacional de História* – Londrina: AN-PUH/Mídia, 2007.

Revista Educação. Disponível em: < <http://revistaeducacao.uol.com.br>> Acesso em 28 maio. 2016.

Secretaria de Educação Continuada. *Alfabetização e Diversidade*. Programa Escola ativa. Orientações Pedagógicas para Formação de Educadores e Educadoras. – Brasília: SECAD/ MEC, 2009.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. *A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula*. In: O saber Histórico na Sala de Aula. 7ª. Ed. – São Paulo: Contexto, 2002.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; Revisão da tradução Leonardo Avritze. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.

ZUCCHI, Bianca Barbagallo. *O ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental: teoria, conceitos e uso de fontes*. São Paulo: Edições SM, 2012.